



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12818 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

DO CAIS À DERIVA: Cartografias de um professorar no Ensino Superior na pandemia por Covid-19

Monica Silva Aikawa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Caroline Barroncas de Oliveira - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Mônica de Oliveira Costa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

DO CAIS À DERIVA: Cartografias de um professorar no Ensino Superior na pandemia por Covid-19

Resumo: A presente investigação mobilizou-se pela questão: Em que aspectos o cuidado de si nas narrativas (auto)biográficas de um professorar do Ensino Superior na pandemia Covid-19 permitem fluir modos de transmutação de práticas formativas institucionalizadas para outros que busquem o movimento em devir de auto constituição docente? O objetivo foi problematizar aspectos do cuidado de si nas narrativas (auto)biográficas do professorar do Ensino Superior na pandemia Covid-19 que fluem modos de transmutação dessas institucionalizações. A construção metodológica iniciou com estudo exploratório das ferramentas de estudo, mapeamento das subjetivações de práticas formativas a partir das narrativas (auto)biográficas de professores universitários de licenciatura e leitura cartográfica desse mapeamento, visando a continuidade ao processo de formação no Ensino Superior pós-pandemia. Assim, a fundamentação teórico-metodológica se apoia nas Filosofias da Diferença, pautadas em estudos de Foucault, Deleuze e Guattari e suas ferramentas: cuidado de si, governo, biopoder, modos de subjetivação e devir. Esta cartografia do professorar nos mostrou uma não diferenciação de práticas formativas institucionalizadas seja na forma de ensino remoto ou presencial, dado o esforço de alguns professores quanto ao controle e adequação do que já se fazia no presencial para o ensino remoto.

Palavras-chave: Docência no Ensino superior, cuidado de si, pandemia Covid-19.

Cais e deriva

Era final de 2019, rumores sobre um vírus na China assustou a todos e se alastrou por vários países. Início de 2020, após o carnaval, o Brasil anuncia que o SARS-CoV-2 já estava entre os brasileiros. Muita coisa se passou, muitas vidas ceifadas, muito o que aprender sobre a vida. Estamos em uma viagem sem volta ao que era antes da pandemia, desde 2020 o barco ficou à deriva e tivemos que parar e olhar, escutar, sentir a potência de estar à deriva.

Entendemos que a deriva “permite novos olhares para o lugar-comum, para as identidades que fixamos nos lugares pelos quais passamos, possibilitando-nos repensar nossas ações como constantes aprendizagens e inventores do mundo” (VAZ, 2012, p. 10). Estar à deriva nesse momento de pandemia, nos mobiliza a pensar desvios de rota na docência, estar sem rumo é compreendido no sentido de seguir o sabor das correntes de ar (mesmo em crise de oxigênio no Amazonas).

É sobre a existência de um professorar no Ensino Superior frente às situações de isolamento social e Ensino Remoto Emergencial (ERE) que estamos a viajar nessa investigação, pois, por tudo que estamos presenciando a vida é e está sendo deixada de lado. Estamos à deriva em um professorar, o que isto quer nos ensinar? Como olhar por outros modos de existências desse professorar no Ensino Superior? “Tais indagações interessam na medida em que abrem espaços para pensar a formação, [...] para além dos processos de reconhecimentos identitários, criando porosidades para formas criativas e novas de se (re)inventar a docência como campo de experimentação e não de aplicação de regras e condutas universais” (CHAVES, 2018, p. 65).

Nesse sentido, a presente pesquisa se mobilizou pela questão: Em que aspectos o cuidado de si nas narrativas (auto)biográficas de um professorar do Ensino Superior na pandemia Covid-19 permitem fluir modos de transmutação de práticas formativas institucionalizadas para outros que busquem o movimento em devir de auto constituição docente? Frente a isso, constituímos como objetivo o problematizar aspectos do cuidado de si nas narrativas (auto)biográficas do professorar do Ensino Superior na pandemia Covid-19 que fluem modos de transmutação dessas institucionalizações.

Uma vez que as ações e reflexões aqui projetadas visaram deter nosso olhar investigativo sobre o cuidado de si nas práticas formativas do professorar no Ensino Superior, nos alinhamos à Filosofia da Diferença, pautadas em estudos de Foucault, Deleuze e Guattari. Pois, “é possível encontrar, selecionar coisas que nos fazem pensar, porque de fato somos tomados por elas, enquanto que outras, por serem desinteressantes no momento ou por portarem uma semente futura, devem ficar para uma retomada” (GRISOTTO, 2012, p. 197). E, ainda, por possibilidades de fissuras na herança histórica que movimentam novidades na tradição, “tendo em vista a construção e a experimentação de novas ideias e deslocamentos, e não propriamente na compreensão e na operacionalização dos seus estatutos” (*Ibidem*, 2012, p. 181).

E, também por isso, assumimos como parâmetro de investigação a pesquisa qualitativa.

A preocupação com a demarcação dos rumos metodológicos de um projeto de pesquisa dessa envergadura, usualmente, nos leva a mergulhar em várias discussões teóricas acerca do interesse pela ênfase na qualidade dos fenômenos educacionais.

A pesquisa iniciou com estudo exploratório das ferramentas de estudo: cuidado de si, governo, biopoder, modos de subjetivação e devir. Seguimos com o mapeamento das subjetivações de práticas formativas a partir das narrativas (auto)biográficas de professores universitários de licenciaturas. Por fim, realizamos a leitura cartográfica desse mapeamento, visando a continuidade ao processo de formação no Ensino Superior pós-pandemia e apresentados nesta escrita.

Cartografia, narrativas e professorar

Cartografar, eis o sentido ao percurso que trilhamos ao mapear subjetivações de um professorar no Ensino Superior em período de pandemia Covid-19, uma vez que “nesse mapa, justamente porque nele nada se decalca, não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas em uma cartografia” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.10). A cartografia narra-se por processos de produção, conexão de redes ou rizomas, por mapas móveis, pois o aparente se faz na relação de saber e de poder de um determinado discurso, em muitos momentos se apresentando como centro de uma significação. “Entretanto, o rizoma não tem centro” (*Ibidem*, p.10).

O professorar no Ensino Superior é produzido por processos em curso, visto nos períodos mais críticos da pandemia pelo ensino remoto e, com o retorno ao presencial, modos lineares permaneceram se apresentando. Dessa forma, mapeamos subjetivações mais direcionadas por modos ditos racionais que constituem um professorar sujeito moderno, caracterizando-o pela busca de uma detenção do conhecimento e um planejamento efetivo, pela ideia da reprodução como a melhor aprendizagem e, por um controle exacerbado como modo único de habitar o cais professorar. Em contrapartida, também foi mapeado a produção de um modo de professorar dito de um sujeito pós-moderno, com características de busca por uma ética e estética da existência, por sensibilidades outras, no viés do cuidado de si foucaultiano.

Quando falamos de uma constituição dita de um professorar pautado por uma racionalidade moderna, aqui traremos algumas práticas que mapeamos a partir de vivências e narrativas desse ambiente fabricado, que produziam efeitos de uma detenção do conhecimento para que o planejamento fosse efetivo. Isto é, as aulas remotas eram tidas e reconhecidas como efetivas a partir da quantidade de tempo agregado e verbalizado pelo professor “detentor do conhecimento”, como garantia de transmissão de conteúdo para uma melhor aprendizagem. Falas como: “*meus dados móveis acabaram porque o professor X utilizou as 4 horas de aula para ministrar seu conteúdo*”, como também, “*Os alunos não ficam a aula toda, entram atrasados e saem direto*”. Assim, visualizamos a relação de um sujeito formador de professores que diz em seu modo de professorar a relação do tempo de

escuta de conteúdo proferido por um professor que sabe e por isso ensina. Essa fonte de informação reconhecida como produção do conhecimento produz um sujeito professor detentor e da sua força de fixação.

Em consonância com a ideia da detenção do conhecimento e o planejamento efetivo temos a ideia de reprodução das leituras, ditas como verdadeiras para uma análise crítica de uma realidade social como garantias de formação de um professor crítico e reflexivo. O volume de textos e trabalhos de fichamentos e outros modos de proferir o dito acadêmico toma conta das horas daquele que se forma professor em vista de outros tantos aspectos que a pandemia nos trouxe. Enquanto um professor com sua disciplina reforçava a ideia de melhor aprendizagem com dez textos e suas atividades, outros também com suas exigências parecidas, os acadêmicos desistiram de cursar uma graduação. Pois, no momento estas exigências que fixavam a reprodução não faziam parte do que viviam entre perdas de entes queridos, situações econômicas vulneráveis e outras situações desafiadoras.

O fio condutor da subjetivação de um professor pelo viés da racionalidade moderna é a ideia do controle como modo único de habitar o cais do professorar. Este aspecto é motriz para a rede dessa significação, uma vez que agrega a ideia de presença, controlada pelos instrumentos de frequências, provas, exigência da imagem na câmera, como garantias de aprendizagem. Tivemos vivências de provas monitoradas com exigência de até duas câmeras que mostrassem o rosto e a mão escrevendo em tempo real, provas filmadas, altas exigências de atividades e leituras, cumprimento de carga horária on-line. Estas técnicas de controle nos mostram a ideia de vigilância produzido pelo poder disciplinar que se expande e ocupa espaços virtuais como o ensino remoto vivenciado, pois o homem vigiado, docilizado é o que se pretende obter com o sistema de vigilância permanente e difuso que o panóptico propõe. As disciplinas próprias deste sistema de controle “funcionam como técnicas que fabricam indivíduos úteis” (FOUCAULT, 2011, p. 199). Assim, professores úteis formados por uma subjetivação ancorada por ideias modernas de fixações de uma melhor aprendizagem, status de um professor que repassa seus conhecimentos, cumpre seu planejamento efetivamente e habita o cais de um professorar que trabalha com uma quantidade de conteúdos ditos verdadeiros que produz o aceleramento de sua rotina fixando um modo único de existência.

Assim, como cartógrafas percorremos os mapas e habitamos cada território constituído e constituinte de um modo de professorar que diferisse do fixado pelo modo moderno de existir, pois “O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 57). Que as intensidades do presente possa ser nosso lugar de habitação para que possamos “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2007, p. 23). Ali, nos encontramos com um modo de professorar que nos habitou e nos trouxe a experimentação de um modo de ser e estar professoras que buscasse uma ética e estética da existência, pelo viés do cuidado de si foucaultiano.

A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em

obra. “O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, e não está garantida de antemão. [...] O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo *com* a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo *com* o coletivo” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 73).

Foi em um coletivo que mapeamos e cartografamos outras sensibilidades que nos atravessaram em encontros como aulas remotas e no retorno presencial, grupo de estudo e de pesquisa, orientações de trabalhos de graduação e pós-graduação. Bem como, nosso próprio encontro como gente, mãe, mulheres, pelo nosso encontro conosco e a Arte experimentamos biocolagens, escritas de si pelos *Hyponémnatas* e correspondências.

Cais, derivas e mapas

Referente ao mapeamento das subjetivações de práticas formativas e modos institucionalizados de professorar no Ensino Superior em aspectos do cuidado de si, evidenciamos um modo de ser professor, no ensino remoto ou não, imerso na ideia moderna de sujeito racional que está no centro dos processos sociais, isto é, nessa mesma linha que fomos/somos ensinados a pensar em práticas formativas como algo fixo, permanente. Esses são os modos institucionalizados e que estão relacionados a transmissão de conteúdos, generalizações. As narrativas que compõe este cais como único espaço do professorar o nomeiam como algo estável e seguro e colocam em circulação os enunciados de quem está autorizado a dizer sobre: “o conhecimento certo”, “a melhor aprendizagem”, “o planejamento efetivo”, “modos de habitar o cais-professorar”.

Nesse processo de cartografar o mapeamento realizado das práticas formativas institucionalizadas e de outros modos de professorar, no intuito de olharmos possibilidades de continuidade ao processo de formação no Ensino Superior pós-pandemia Covid-19, fomos desafiadas a olhar essa questão pelo cuidado de si foucaultiano. Ainda não podemos afirmar que estamos em uma pós-pandemia até o momento atual, mas já adentramos em um outro cenário a partir do plano de imunização com os devidos cuidados necessários e recomendados. O cais continua múltiplo e diverso.

Neste novo cenário iniciado em 2021, adentramos à Universidade em um processo de passagem do ensino remoto para o presencial, fazendo com que em nosso professorar percebêssemos uma não diferenciação das práticas formativas institucionalizadas nessas duas formas de ensino. Afirmamos isso, em detrimento, do esforço de alguns professores de controle e de adequação do que já se fazia em tempos não pandêmicos por Covid 19. Então, no momento estamos no processo de borrar essas linhas do mapa de práticas instituídas, tanto no remoto quanto no presencial, para agenciar mapas de outros modos que tiveram existência e que deram existência a vida no Ensino Superior, manter-nos em deriva.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Sílvia. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa

narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Orgs.) **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p. 45-68.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRISOTTO, Américo. Filosofia da diferença: apontamentos em torno da aprendizagem do pensamento em filosofia. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.14, n.1, p.179-198, jan./jun. 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

VAZ, Tamiris. Docência em deriva: atravessamentos de um ‘devir professor’. In: **IX ANPED SUL**, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1243/790>
Acesso em: 10 fev. 2021.